

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



O dia 13 de junho findo, em que concorreram este ano duas festas litúrgicas das mais importantes — a festa do Sagrado Coração de Jesus e a de santo António de Lisboa, doutor da Igreja e padroeiro principal da nossa pátria e especial da freguesia da Fátima — foi um dia de grande afluência de peregrinos ao Santuário da Cova da Iria. Já na véspera, sobretudo à tarde, a multidão de fiéis era bastante numerosa, chegando a cada momento automóveis, camionetas e peões. O tempo estava fresco, soprando um aragem branda e agradável. Cortavam o Céu azul, aqui e além, núvens escuras que pareciam ameaçar chuva. A noite de 12 para 13 conservou-se amena como uma noite de primavera.

Além de milhares de peregrinos isolados e de pequenos grupos de peregrinos organizados, procedentes de vários pontos do nosso país e do estrangeiro, vieram nesta ocasião à Fátima duas peregrinações espanholas, sendo uma de Tuy e outra de Barcelona. Presidia à primeira o rev. Chantre da Catedral de Tuy, D. Afonso Casas Vilanova. Compunha-se esta de 85 pessoas, provenientes de Tuy, Tarragona, Valência, Madrid e outras terras do norte e centro do país vizinho. A segunda, organizada pela Junta de Peregrinações de Barcelona com sede na capital da Catalunha, era dirigida pelos rev. P.º Parcerisa, Dominicano, grande propagandista do culto de Nossa Senhora da Fátima em terras de Espanha. Compunha-se de 125 pessoas. A viagem foi feita em magníficos auto-omnibus do «Viages Internacional Expreso».

De Alcochete o pároco rev. P.º Crispin António dos Santos trouxe um grupo de 50 peregrinos. Das três freguesias de Sintra o rev. P.º Carlos Augusto Teixeira de Azevedo, pároco da vila, acompanhou 80 pessoas.

Na estrada, nos terrenos adjacentes ao local das aparições e noutros sítios mais afastados estacionavam camionetas que tinham vindo com peregrinos de Lisboa, Porto, Braga, Torre Novas, Vila Nova de Ourém, Coimbra, Ilhavo, Vila Nova de Gaia, Póvoa (Coimbra), Foz de Arouce, Turcifal, Azenhas do Mar, Paços de Ferreira, Cusada, Tondela, Castelo de Vide, Ponte do Lima, Viana do

Peregrinação

Castelo, Bucelas, Póvoa de Varzim, à hora do costume. Encorpou-se no grandioso cortejo nocturno milhares de fiéis. Decorreu principalmente do norte e centro na melhor ordem e constituiu uma imponente manifestação de fé e de devoção à Santíssima Virgem. O

Presidiu às cerimónias oficiais da peregrinação do dia o Senhor Bispo de Leiria e assistiram, na véspera à tarde, os senhores D. José Vieira Alvernaz, Bispo de Cochim, e D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Bispo de Meliapor.

Principiou então — era quase meia-noite — a adoração eucarística da procissão das velas, precedida da recitação do terço, começou ca. No átrio da igreja, ao cimo da

Acção Católica

Celestial Peregrina

Passa o homem a sua vida em peregrinação perpétua, a caminho do Santuário divino, que só com sacrifícios se atinge. Mas, em seu rude peregrinar, encontra sempre a luz e a bênção da Senhora, que nunca o desampara e continuamente o conforta. Presença invisível mas real, anda ela infatigavelmente a alumiar as almas e alegrar os corações. É Mãe peregrina, que infatigavelmente acompanha os filhos peregrinos.

A romagem da Imagem da Senhora da Fátima dá-nos a ideia dessa maternal peregrinação.

Já por duas vezes saiu do seu solar da Cova da Iria, para visitar e abençoar a Capital do Império. E, ao passar por muitas terras de Portugal, sempre os corações, enamorados da sua graça, se abriram em quentes manifestações de fé e de amor.

Anda agora a percorrer outros caminhos da Europa, e por toda a parte é recebida e acompanhada por transportes de filial devoção.

Recordamos comovidos a hora apoteótica da sua saída de Portugal, da sua entrada em Espanha. O Alentejo vibrou de entusiástico fervor à sua passagem. O calor das almas comovidamente se manifestou em lágrimas copiosas, em cânticos triunfais, em súplicas ardentes.

De Castelo de Vide até à fronteira de Marvão, foi numeroso o cortejo de fiéis que a acompanharam. As autoridades, o clero, o povo, confundiam no mesmo cântico de louvores e de veneração as suas orações e os seus sacrifícios. Todos se sentiram filhos da Mãe celestial que passava, presente na sua Imagem. Os quatro últimos quilómetros, de íngreme subida, foram percorridos a pé. Na fita clara da estrada, aluminaada por luz inolvidável, que descia do sol e subia das almas, parecia crescer o devoto entusiasmo, já dourado de saudade.

Na linha de demarcação das duas pátrias, foi ainda maior o alvoroço e mais forte a comoção. Portugueses e espanhóis fraternalmente viveram momentos intensos de fervor.

Acima do são patriotismo de cada um, sentia-se o calor da fé, que torna irmãos os homens de todos os países.

Precisamente na linha que marca a fronteira, um Prelado e as Autoridades da nossa terra entregaram ao Prelado de Cória e às Autoridades castelhanas a Veneranda Imagem, que pela última vez se voltou para Portugal, a abençoá-lo. As lágrimas subiram irremovivelmente aos olhos. Também elas foram oração, nessa hora alta de fé.

E começou a jornada triunfal, em terras de Espanha.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

escadaria que a ela conduz, erguia-se, dentro duma capela envidraçada, ornamentada com verdura e flores e coroada por uma cúpula de madeira que uma singela cruz encima, o baldaquino com o Santíssimo Sacramento solenemente exposto.

Durante as duas horas de adoração geral — desde a meia-noite até às duas horas da madrugada — fez-se a recitação do Rosário acompanhada da meditação dos misté-

A Missa da Comunhão geral foi às 6 horas; receberam o Pão dos Anjos cerca de 10.000 pessoas.

Pouco antes do meio-dia efectuou-se a primeira procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na Capela das Aparições. O cortejo era majestoso e imponente, a multidão inumerável, o entusiasmo delirante. Mi-

de Junho, 13

rios gloriosos. Nos intervalos das dezenas pregaram sucessivamente o Senhor Bispo de Cochim e um sacerdote dominicano da peregrinação de Barcelona.

Organizaram-se em seguida vários turnos de adoração, feitos das 2 às 3 horas pela peregrinação de Sintra, das 3 às 4 pela de Alcochete, das 4 às 5 pela da Capela dos Anjos e da freguesia de Nevogilde (Porto) e das 5 às 6 pela da Congregação Mariana feminina de Vila do Conde.

lhares de pessoas acenavam com os lenços dos vários pontos do recinto do Santuário, da estrada, dos terrenos adjacentes e de dentro das camionetas e automóveis, saudando a S.ª Virgem. Tomavam parte na procissão muitas confrarias e outras associações piedosas com os seus ricos e vistosos estandartes. Viam-se, gravemente erguidos para o alto, entre outros, os de Sintra, Foz de Arouce, Alcochete (dois), da Capela dos Anjos, do Porto (dois), de Nevogil-



Burgos — O andor com a imagem de Nossa Senhora da Fátima aos ombros do Capitão General Yagüe (o de óculos), com as autoridades provinciais e municipais

PEREGRINAÇÃO de Junho, 13

de, de S. Mamede da Ventosa (Torres vedras), S. Paulo de Frades (Coimbra), Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) e dos Tarcísios de S. Cosme de Gondomar. Seguiam-se um grupo de meninas da Cruzada Eucarística de S. Vicente de Fora, o Clero revestido de sobrepeliz e por último o Senhor Bispo de Leiria, ladeado por dois religiosos dominicanos espanhóis com os seus hábitos brancos. Conduziam aos ombros o andor de Nossa Senhora peregrinos da nação vizinha.

Logo depois da procissão, começou a Missa dos doentes. Estes eram em número superior a 100 e procediam de Lisboa, Porto, Vila Nova de Ourém, Alquerubim, Alpiarça, Armamar, Paialva, Gavião, Rio Maior, Esposende, Ribeira de Santarem e outras terras. Celebrou o Santo Sacrificio, no altar armado no átrio da Paróquia, o rev. P. Francisco Mulet, de Palau (Ilha Maiorca — Baleares), pároco de Muso.

A estação do Evangelho, o Senhor Bispo de Leiria subiu ao púlpito e, a propósito da festa do Sagrado Coração de Jesus, fez uma breve alocação sobre o amor de Deus para com os homens.

Antes de deixar o púlpito, o venerando Prelado propôs que, em nome dos peregrinos portugueses e espanhóis, se enviassem telegramas

Santo Padre pedindo a definição, como facto dogmático, da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao Céu, a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, ao Eminentíssimo Cardeal Arcebispo de Lourenço Marques e ao Senhor Arcebispo de Goa, Patriarca das Índias Orientais, onde S. João de Brito foi martirizado. Eram os votos de feliz viagem e pedindo as orações dos peregrinos a Roma.

No fim da Missa, exposto solenemente o Santíssimo Sacramento, o rev. celebrante deu a bênção aos doentes e a toda a multidão. Então os doentes viam-se alguns sacerdotes. Muitos choravam de coacção. Fizeram-se as invocações do costume. Recitaram-se os actos de Consagração e de Reparação ao Sagrado Coração de Jesus.

Por último, o Senhor Bispo de

Leiria, revestido de capa de Asperges e com a mitra na cabeça e o báculo na mão, benzeu e coroou solenemente uma linda Imagem de Nossa Senhora da Fátima, obra do escultor Tedim, de S. Mamede de Coronado, que foi autor da primeira Imagem da mesma invocação. A Imagem agora benzida e coroada vai ser enviada brevemente para Honolulu nas ilhas Hawaii, na Oceânia.

Na segunda procissão renovaram-se as aclamações da primeira, despedindo-se todos os peregrinos, portugueses e espanhóis, da Virgem Santíssima, junto da Capela das Aparições, com preces, vivas e cânticos.

Cheios de saudade, com a alma profundamente encantada e comovida, os peregrinos, rezada a última súplica e volvido um derradeiro olhar para aquele cantinho do Céu que é a Cova da Iria, foram-se retirando para as suas terras distantes, ansiosos por contar as graças, as glórias e as maravilhas da Virgem bendita no seu Santuário predilecto.

Visconde de Montelo

VOZ DA FATIMA

DESPESAS

Transporte	3.630.153\$01
Papel, comp. e imp. do n.º 297	25.077\$35
Franq., Emb. transporte do n.º 297	1.773\$82
Na Administração	381\$36
Total	3.657.385\$45

ESMOLAS DESDE 30\$00

D. Olívia e Manuel da Rosa, California, 120\$00; D. Maria de Lourdes Clímaco Reis, Merceana, 120\$; D. Luitza Fontes, Providence, 198\$00; Dr João Martins de Freitas, Guimarães, 40\$00; Américo Joaquim de Queiros Porto, 50\$00; D. Maria Joana Martins, Parede, 30\$00; António Pinto da Cruz, Porto, 40\$00; P. Lino Torres Lisboa, 30\$00; Júlio Giro, Buenos Aires, 99\$30; D. Amelia Tavares de Albuquerque, Meda, 40\$00; José de Moraes Sarmento, Chaves, 60\$00; D. Carlos de Sá Fragoço, Porto, 40\$00; Jose Gil, Cadima, 50\$00; Joaquim Lopes David, 100\$00; D. Emilia dos Santos, Jarmelo 80\$00; D. Rosa Marques da S. Ribeiro, Matozinhos, 50\$00; D Ana da Conceição Fonseca, Castelo Rodrigo, 60\$00; Narciso de Lima, Espinho, 30\$00; D. Benedita do Carmo Castel-Branco, P. de Rio de Moinhos, 60\$00; D. Maria Rosa Meda, Aveiro 40\$00; Abade Manuel Estêvão Ferreira, Porto, 30\$00; D. Irene do Carmo Silveira, Peralva, 78\$00; D. Antónia Estefânia Gueira, Evas, 36\$00; D. Maria Teresa Pequito Rebelo de Carvalho 50\$00; D. Gertrudes M. Calado da Silva, Almeirim, 40\$00.

PALAVRAS DE UM MEDICO

(3.ª Série)

XXIX

TODAS AS GERAÇÕES me chamarão bem-aventurada

Assim se exprimiu a Virgem Maria, no «canto de alegria mais sublime que saiu dos lábios de uma criatura», como chama à Magnificat um comentador da Bíblia Sagrada. Assim respondeu à saudação de sua prima Santa Isabel: *Bendita és tu entre as mulheres!* (S. Lucas, I).

Há perto de dois mil anos, quantas gerações passaram à face da terra? E não houve nenhuma que desobedecesse à profecia de Maria Santíssima.

Todas lhe têm chamado Bem-aventurada, em todos os tempos e em todos os lugares. Quando as Suas benditas palavras foram pronunciadas, há vinte séculos, a Península ibérica não passava de longinqua e ignorada provincia romana. Mal atingiu a maioridade, os nossos antepassados fundaram o Reino de Portugal, que, desde Afonso Henriques, ficou senão a «terra de Santa Maria».

Já lá vão oitocentos anos, e, cada vez mais, se ajusta melhor tal designação à nossa querida Pátria. Já lá vão oito séculos, e todas as gerações que se têm sucedido prestaram homenagem à Virgem Mãe de Deus. Desde Ourique até à Fátima, de quantos milagres é tecida a gloriosa história de Portugal.

IMPÉRIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis 173-B. — Lisboa

Oferece aos melhores preços!!

Colchas adamascadas e gorgorão	50\$00
Lençóis 1,80 e 2,40	45\$00
Lençóis 1,40 e 1,80	35\$00
Toalhas turcas tabela	7\$00 e 6\$00
Toalhas turcas grandes	15\$00 e 14\$00
Toalhas turcas panho	25\$00 e 20\$00
Meias de seda gaze saldo	9\$00
Meias tipo esôcia	6\$00
Toalhas e 6 guardanapos 1,20x1,20	28\$00
Camisa p. homem 1/2 cor. larinhos bom corte	28\$00
Camisa p. homem, linho Cotim colonial, forte metro	10\$00
Cobertores e barras	45\$00

Roupas para senhora aos melhores preços: Combinações — Soutiens — Cuecas — Culotes — Aventais — Camisas de noite, etc., etc.!!

NOVIDADE LITERÁRIA

CARTILHA SACRAMENTAL por

P.º António Ferreira da Costa «Livro precioso, que, sem dúvida, veio prestar um grande concurso ao clero, aos seminaristas e aos fiéis... muito recomendável e muito útil a todos estes».

A venda em todas as livrarias Portuenses

PASTA ORIENTAL — A melhor pasta para dentes, 7800 e 4800. PETRO-LEO QUÍMICO ORIENTAL — O produto de melhores resultados contra a calvície. Preço, 18\$00. QUINA PETRO-LEO ORIENTAL — Conserva a ondulação e perfuma finamente os cabelos das senhoras. Preço, 18\$00. CREMOLINO ORIENTAL — O mais energético desinfectante para depois da barba. Preço, 6\$00. LOÇÃO RITZ — O único produto que restitue a cor aos cabelos embranquecidos, sem os tingir. Preço, 19\$00. Brilhantinas, extractos, pó de arroz, batons, verniz para unhas, etc.

SOCIEDADE CORTEICOS, Ld.º R. Eugénio dos Santos R. Formosa, 24-3. — PORTO 154 — PORTO Envia-se à cobrança sem mais despesas

nações. Também ouvi à noite as saudações à Virgem das representantes de toda a parte.

Poucas vezes, na minha já longa vida, senti tanta comoção, assistindo em espirito às imponentes cerimónias.

Mas confesso que, o que me impressionou mais foi a mensagem da menina russa. Não entendi nem uma palavra, mas a minha alma compreendeu o anseio daquele povo tão pervertido pelas ideias de falsos apóstolos, tão maltratado por ferozes tiranos, tão vilipendiado pelas reuniões de minúsculos homens «Grandes». Associo-me à oração da peregrina Natacha, implorando o regresso da Rússia e do mundo inteiro à soberania de Cristo.

Porto, 5-V-47.

J. A. PIRES DE LIMA

Errata — No artigo anterior, recepção no Mosteiro da-Batalha duas vezes se lê trono em vez das peregrinas de mais de vinte de tronco.

Ecos da viagem de N.ª Senhora

V

OS POBRESINHOS

Os pobres serão evangelizados, anunciara o Profeta, antevendo o Cristo do Senhor em sua missão humano-divina de pregar a doutrina santa do Evangelho eterno. Era pobre a Família de Nazaré; pobre Jesus, na sua vida pública, não tendo uma telha para abrigo, nem uma pedra sequer onde a cabeça reclinasse.

Rodeou-se sempre o Senhor de pobres, e são eles que O vitoriam quando em humilde jumentinho faz a entrada triunfal na cidade santa de Jerusalém. É a favor de uma multidão faminta de pobres que Jesus no deserto faz o milagre da multiplicação dos pães e peixes.

Eram pobres muitos dos primeiros cristãos.

E que a pobreza, o desapego efectivo ou afetivo dos bens do mundo, é o melhor senão o único caminho para arrastar as almas ao amor do Evangelho. Dos pobres pelo espirito é feito o reino de Deus sobre a terra, e o reino dos céus.

Não admira, pois serem os pobres aqueles que sempre em maior número se manifestaram na viagem de Nossa Senhora, através das terras de Leiria e do Patriarcado. Habitados mais ao sacrificio, os seus corações são ordinariamente mais inclinados às coisas do céu, as

suas almas mais dadas à piedade. Cenas verdadeiramente enternecedoras nos foi dado presenciar. Não nos deslumbraram as ricas colgaduras de sedas e damascos nas casas mais ou menos sumptuosas das grandes avenidas e praças das cidades e vilas, nem as suas caprichosas e variadas iluminações, homenagens aliás bem sinceras à Rainha que seguia em sua imagem veneranda e querida. Em todo o seu deslumbramento essas magnificências não conseguiam, porém ofuscar a beleza enternecedora das humildes habitações dos pobreszinhs. Ficou-nos bem gravado na memória uma dessas casas pequeninas, de minúsculas janelas e postigos de onde pendiam cobertas de chita e toalhas de rosto; lá dentro, em cima de toca mesa, o tradicional crucifixo e a imagem da Mãe de Deus no meio de plantas rústicas. Era de noite; a iluminar aquele cenário havia uma candea dependurada com a sua luz bruxuleante.

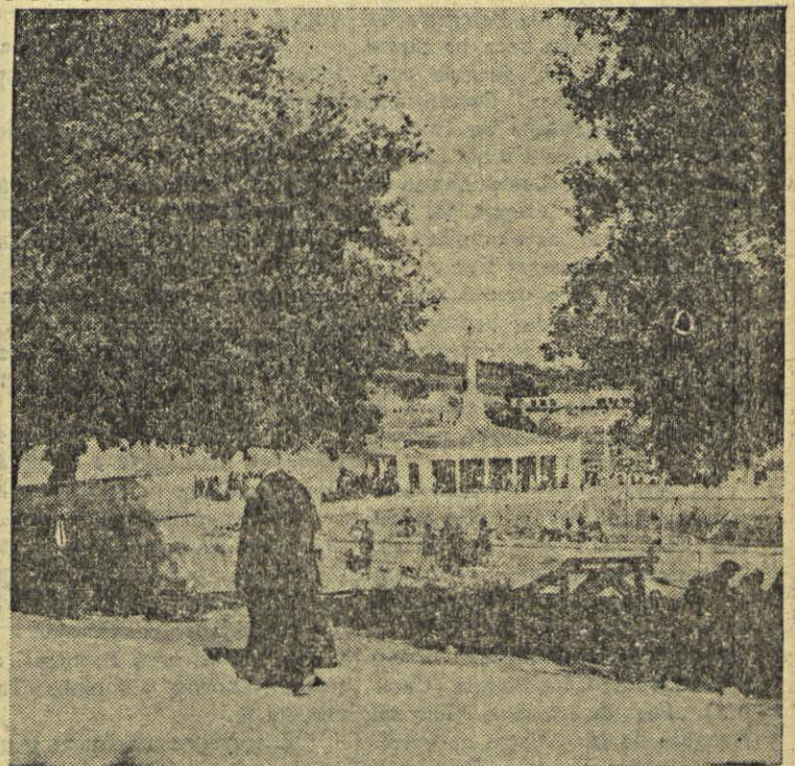
Que lindo não era! Não faltavam sequer naquela rica (pobreza, brilhantes a espargir luz; eram as lágrimas de uma velhinha a segurar ao postigo, nas mãos postas, um denegrido rosário, e de olhos fixos na milagrosa Imagem da Senhora que passava. C. de A.

MEDALHAS COMEMORATIVAS

COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA ASSINADAS PELO ESCULTOR JOÃO DA SILVA



DE OURO E DE PRATA A VENDA NO SANTUÁRIO



Um aspecto do recinto das aparições na Cova da Iria

GRAÇAS de N.ª S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria da Assunção Pinto, Sousa, refere que tendo adoecido seu sobrinho José Maria Pinto, e sendo grave o seu estado recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e obteve a cura.

Prontamente atendida

D. Leonor Madureira de Pinho, S. Paio de Favões, Marco de Canavezes, escreve: «Uma minha irmã adoeceu gravemente recendo o médico que ela não chegasse ao dia seguinte: Foram-lhe aplicadas injeções de soro, mas sem resultado. Recebeu os sacramentos. Foi então que eu pedi a Nossa Senhora da Fátima que a curasse, prometendo tornar pública essa graça. Logo a doente começou a sentir melhoras, podendo ser transportada numa ambulância até ao Porto onde recebeu uma transfusão de sangue e encontra-se curada. Tudo isto é confirmado pelo Rev. Pároco, P.ª António Ferreira de Mesquita.

Uma queda de quatro metros

D. Maria José da Conceição, de 93 anos de idade, de *Obidos, Odival*, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima, pois, tendo caído de um muro de quatro metros de altura, em circunstâncias que lhe podiam ser fatais, encomendou-se à protecção da Santíssima Virgem e, sem saber como, encontrou-se sentada no chão, livre de qualquer ferimento grave.

Isto vem confirmado pelo Rev. Pároco, P.ª António da Silva Bonifácio.

A pressa para França... Hora feliz

D. Maria das Dores B. Pinto da Fonseca, Lousada, escreve: «Tendo recebido um telegrama de França, onde se encontrava minha irmã, dizendo-nos que ela estava muito doente e pedindo-nos que fôssemos para lá o mais depressa possível, visto ser grave o seu estado, recorri, com grande confiança a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que a curasse e que quando lá chegássemos ela estivesse melhor. Efectivamente ao chegarmos lá tivemos a boa notícia de que ela se encontrava sem febre. Venho testemunhar o meu reconhecimento a Nossa Senhora por esta graça e ainda por outra não menos grande, qual foi do nascimento de um meu sobrinho, o mais natural possível, quando tudo fazia prever a necessidade de uma intervenção cirúrgica.

Apesar dos mesmos sintomas

D. Francisca Garção D. Grilo, Ervedal, Alentejo, estando o seu marido bastante doente e recendo que tivesse de usar novamente um aparelho que em tempos usou, o que seria um grande desgosto para todos, sobretudo, pela doença, prometeu publicar a graça caso a radiografia nada acusasse da doença e se não necessitasse de usar o referido aparelho. Prometeu andar um quilómetro de joelhos. Efectivamente a radiografia nada acusou, embora os sintomas fossem os mesmos.

Só por milagre

D. Sára Velez Grilo, Ervedal, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de seu sobrinho, José Caetano, fi-

lhó único da sua única irmã que esteve com garrotilho em 1945. O médico, Sr. Dr. Bugalho afirmara que só por milagre o podia salvar. Tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima e feito a promessa de rezar o terço, de joelhos, durante sessenta dias, o que ela cumpriu, vem tornar público este caso extraordinário para maior glória da Santíssima Virgem. Tudo isto confirma o Rev. Pároco, P.ª João José P. Lopão.

NO FUNCHAL

Desenganada dos médicos

Maria Celsa Paiva C. Jardim, Porto-Moniz escreve: «Tendo eu estado completamente desenganada dos médicos por uma febre tifoide de que fui acometida, ao fim de três meses de doença, comecei a tomar água do Santuário da Fátima e, em poucos dias, melhorei, ficando completamente bem. A minha mãe desola-la, prometeu, no meio da sua aflicção, tornar pública a minha cura, na «Voz da Fátima».

Tudo isto é confirmado pelo seu médico assistente, Sr. Dr. Mário Sardinha, Funchal, 11 de março de 1947, e pelo Rev. Pároco, P.ª Telésforo Rafael Afonso.

NOS AÇORES

Já sem esperanças

Antero J. de Sousa e D. Maria da Conceição Gouveia B. Sousa, Ponta Delgada, vêm agradecer a N.ª Senhora da Fátima a cura de um seu filho gravemente enfermo e que os médicos já não tinham esperanças de salvar. Invocada em seu auxílio N.ª Senhora da Fátima, a quem fizeram algumas promessas, as melhoras começaram a manifestar-se numa forma admirável com grande satisfação do médico assistente e de toda a família.

Agora... só confiando

António Silveira Goulart, Codras, Faial, há muitos anos que sofre de um cancro no estômago. Depois de muitas diligências dos médicos e esgotadas as suas esperanças e recursos, deixou todos os tratamentos até então usados e colocou-se somente sob a protecção da Virgem da Fátima. Acha-se quase bom, pois já pode comer e digerir quase todas as comidas. Muito reconhecidamente vem agradecer à sua inclita benfeitora.

Isto vem confirmado pelo Rev. Pároco, P.ª José Silveira Luz.

Agradecem a Nossa Senhora

Paulino Gonçalves Martins Leite, Barcelos.

D. Virginia da Glória Borges, Carracedo.

D. Maria Teresa Henriques Simões, Vila Nova de Poares.

Manuel Maria Pedrosa, Lavos.

D. Maria Joaquina Monteiro, Freixo da Baía.

D. Maria da Conceição Martins, Fanzeres.

D. Rosa da Silva Boléo Oliveira, Porto.

Manuel Rebelo, Albergaria-a-Velha.

D. Gracinda Fonseca, Felgueiras.

D. Clotilde Judit Santos Serra, Cernache do Bonjardim.

D. Beatriz Charneira, Porto.

P.ª José Silveira Luis Faial.

D. Leopoldina Gomes, Louzada.

D. Aida e Irene Gomes e Queiroz, Santa Cruz do Douro.

António da Costa, Braga.

D. Isabel L. P. R. V. de Oliveira, Aljustrel.

Manuel Inácio Rodrigues, Telões.

D. Josefina Borges, Telões.

ACHADO

No dia 12 de maio foi encontrado um relicário a caminho da Igreja da Fátima que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

O FILHO do Saltimbanco

Roto, sujo, desganhado, olhos em lume e rosto a suar em bica, o pequeno saiu de canavial onde julgava encontrar um esconderijo, e, enquanto corria pela ponte, arremessou ao rio uma saqueta com pão e fruta — os vários roubos daquela manhã.

Atrás de.e, não só outros garotos mas alguns adultos, sobretudo mulheres, corriam a gritar:

— *Agarra!... Agarra!... É preciso dar-lhe uma lição...*

— *Uma boa sova é que é!*

Nada mais fácil porque o perseguido ao sair da ponte esbarra com um homem alto, possante, que lhe deitava a mão. Quando, porém, os mais enfurecidos iam castigar a criança — quem sabe a que pont — o homem puxou-a para si e bradou:

— *Ninguém lhe toca! Quem é ele? Que fez?*

Houve um momento de espanto e logo recomeçou a gritar:

— *E o filho do saltimbanco!... Ladrões!... Roubam tudo o que podem!... Cadeia com eles!*

— *E metê-lo numa casa de correção...*

— *Fu encarrego-me de lhe dar destino — declarou o homem. Vão à sua vida!*

A voz como o porte eram imponentes. Atravessou a ponte com o garoto pela mão e ninguém ousou deter-lhe o passo. A atenção de grandes e pequenos fora mesmo completamente desviada. Que lhes importava agora o saltimbanco, o filho e as suas proezas? Mas quem seria aquele sujeito de ares tão importantes e que nunca ninguém vira por ali?

Pouco a pouco foram dispersando. Os miúdos, esses, tentaram ainda seguir o desconhecido — sempre com o outro pela mão — mas ele, voltando-se e parando um pouco, mandou-os embora com tal autoridade que nenhum se atreveu mais a avançar.

Por algum tempo os dois caminharam em silêncio. A estrada ia deserta. A certa altura o rebordo de uma eira convidava a um repouso. O homem parou, sentou-se, puxou a criança para a sua frente, fixou-lhe na carita esfomeada o olhar penetrante e começou a interrogá-lo, ou antes a conversar com ele.

Que se teriam dito?... Quem o saberá jámais?... Só Deus de quem não fica oculto nem o mais íntimo pensamento, nem o menor impulso de coração.

No dia seguinte no belo quintal da moradia do comerciante José Martins um rapazito lavado, penteado e com um bibe de riscado que bem se via recém-saído das mãos da costureira, brincava alegremente. Ninguém descobriria nele o filho do saltimbanco.

Recostado numa cadeira de jardim, com o jornal sobre os joelhos, o seu protector observava-o enlevado.

Viuvo e sem filhos, agradara-se e apiedara-se do pequeno e, sem mais preocupações nem hesitações, levava-o para casa.

— *Olha, Antonito,* disse-lhe de súbito. *Pega naquela vassoura, varre esta ruazinha e vai deitar o lixo além da cancela, no pinhal. Levaz-o nesse cesto velho...*

Viera-lhe de repente à ideia que devia desde logo habituá-lo ao trabalho.

Radiante, o pequeno obedeceu. E era ver com que jeito e afan ia manejando a grande vassoura com os seus débeis bracitos, enchendo o cesto e correndo a despejá-lo.

Uma, duas três vezes transpôs a cancela. A quarta, decerto já cansado, quedou-se pensativo, aborrido, de olhos no chão. Um estalar de folhas secas sobressaltou-o: o pai estava na sua frente.

— *Venha buscar-te!* — rouquejou. *A bem ou a mal! Anda!*

Mas o pequeno recuou e encostou-se à cancela.

— *Não me toque sendo eu grilo!*

Então o saltimbanco mudou de sistema:

— *Tem dó de nós... da tua mãe... dos teus irmãozinhos... Sem ti nada podemos fazer... Vem...*

— *Agora não. Ele está ali. Vem talvez já a procurar-me... Logo... eu vou... eu fujo... Eu sei o caminho...*

— *Prometes?*

— *Sim... não quero que eles tenham fome...*

E sem se lembrar do cesto que largara no chão, entrou recuando, fechou a cancela e voltou cambaleante e transtornado para o jardim. O comerciante, agora de pé, falava de negócios com dois camponeses. Pouco depois saíam todos três. O pequeno ceou sozinho num canto da cozinha, onde ninguém o via com bons olhos, e foi-se deitar antes do regresso de seu protector.

... .. Não conseguiu dormir o pobre Antonito. Na sua caminha macia e lavada como nunca julgara possuir, revolvía-se constantemente, de olhos abertos, garganta seca, um mal estar indescritível.

— *Se calhar, estou doente — pensava — e mais me valia morrer...*

Ele sabia, desde a véspera, que havia Céu e Inferno e Purgatório. O sr. Martins que o tinha dito é porque era verdade. Que bom deveria ser estar no Céu!...

Mas tinha prometido fugir... E não queria... Oh, não queria que a mãe e os irmãozinhos — os gémeos — andassem com fome. Quem havia de fazer a acrobacia com o pai? Quem havia de trabalhar com o cão e o macaquinho? Sim, ele queria trabalhar ainda mais, inventar mais coisas engraçadas para ganhar mais dinheiro porque não queria — nunca mais — roubar. O sr. Martins tinha-lhe explicado bem como era mau roubar...

O TRIUNFO CONTINUA

Atravessou a Espanha em crescente triunfo a imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Da fronteira portuguesa à fronteira francesa o povo espanhol, cristão, cavalheiresco, hospitaleiro recebeu a sua Visita com o maior entusiasmo e amor.

Salamanca, de tão entusiasmada já quere uma imagem exposta acultado público e o Sr. Bispo acedeu. Valladolid fez da noite dia entoando cânticos à Senhora da Fátima. Por toda a parte as autoridades civis, militares e religiosas, governadores militares e Governadores civis, alcaides e Câmaras Municipais à compita a ver quem maior homenagem presta a Nossa Senhora.

A entrada de Espanha adorna o andar a bandeira nacional, forças militares prestam honras à Virgem e o General Franco, o Chefe da Nação irmã manda entregar como presente seu um formoso ramo de flores.

Burgos excede-se. A catedral é pequena. Vem dos arredores. A cidade despeja-se para contemplar a linda imagem e invocar com amor a Senhora que ela representa.

E lá vai.

Há curas que os Senhores Bispos mandam estudar.

Atravessou Castela e ei-la em terras biscainhas. Navarra não sofre ficar privada de tão nobre visita. Recebe-a Loiola a terra de Santo Inácio.

Em Azcoitia uma pobre parálitica havia 25 anos fica curada. Chama-se D. Manuela Lopes Armentia.

A entrada de San Sebastian 4.000 ciclistas vêm esperar e acompanhar Nossa Senhora. Dezenas de barcos acompanharam a procissão fluvial com a imagem Comungaram 12.000 pessoas.

100.000 pessoas aclamaram a Virgem da Fátima.

No dia 18 espanhóis e uma delegação portuguesa acompanhados pe-

E era preciso deixar o seu querido benfeitor! E deixar aquela casa onde se sentia tão bem!...

Resoluto, como um homenzinho feito à pressa pelas privações e os sofrimentos, o Antonito levantou-se, vestiu-se, às apalpadelas, e foi abrir a janelita do quarto que dava para a horta. Não era muito alta. Desceu com a maior facilidade ajudando-se com a ramada de uma árvore e apesar da noite estar negra como breu.

Agora era preciso orientar-se. A estrada passava perto e, uma vez na estrada, não havia que errar. Foi correndo a mãozita pela parede da casa até à esquina. Era, depois, só um bocadito de mata a atravessar.

Tropeçando em moitas e raízes pôs-se a caminhar. Mas... onde estava a estrada?... Um calafrio percorreu-lhe todo o corpo. De certo se enganara e seguira a parede da casa para o lado oposto. Estava perdido!

Que fazer? Voltar para trás? Impossível lhe seria também achar o caminho...

Continuou a andar. Também o seu benfeitor lhe falara do Anjo da Guarda. Porque tinha medo de levava ali um Anjo a acompanhá-lo ou talvez à frente a abrir-lhe o caminho?...

Mas estava tão cansado... Sentia-se tão doente...

Parou. Então de súbito, a lua rompeu e o pequeno caiu de joelhos maravilhado: na sua frente, sobre uma parede muito branca, um anjo, mais branco ainda, estendia-lhe os braços...

Dois dias depois os jornais davam a notícia de que tinha sido encontrado morto um rapazito desconhecido junto do muro do cemitério de S. Tiago. M. de F.

Tiragem da «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE JUNHO

Algarve	6.709
Angra	16.554
Aveiro	5.860
Beja	4.967
Braga	41.516
Bragança	6.315
Coimbra	9.241
Évora	3.766
Funchal	9.572
Guarda	8.868
Lamego	7.139
Leiria	10.007
Lisboa	13.371
Portalegre	7.843
Porto	36.798
Vila Real	13.798
Viseu	5.105
	207.429
Estrangeiro	3.863
Diversos	10.888
	222.180

CONVERSANDO

PORTUGAL
Missionário

A canonização de S. João de Brito e as esplendorosas festas que a solenizaram em Roma, a 22 de junho de 1947, atraíram sobre Portugal, por justos motivos, de crescente humanização, as atenções de todos os povos da terra.

Não consagraram somente os méritos pessoais do extraordinário missionário que foi S. João de Brito; demonstraram também, e de forma insofismável, pelo documento vivo das delegações indígenas de cada uma das nossas províncias continentais da Europa e das outras partes do globo, a superioridade da civilização cristã de Portugal, consubstanciada na da Igreja, desde há 8 séculos até hoje, sempre sem parar e sem descanso, ainda a quando dos passageiros colapsos das perseguições religiosas do Marquês de Pombal, de D. Pedro IV e do Dr. Afonso Costa.

Sem dúvida, S. João de Brito não teria sido elevado aos altares se a sua valente personalidade se não tivesse amassado, além da graça de Deus que nunca falta, pelo seu próprio querer e pelos sacrifícios a que se prestou para a realização dos seus ideais de vida cristã, e despreendimento das condições de grandeza da família e atractivos da Corte a que o chamavam, indo depois morrer, heroicamente, mártir da sua fé, nas regiões longínquas da Índia, em Maduré, através de indescrevíveis sofrimentos, depois de uma consciente preparação no noviciado e escolas da Companhia de Jesus.

Foi um homem em toda a acepção da palavra e, para mais o ser, e tão alto, a Igreja o declarou um dos grandes santos do seu agiologio.

A canonização que o distingue aos olhos do mundo católico, distingue também a nação que tornou possível o seu aparecimento, formação e acção.

E assim foi realmente. S. João de Brito é um dos maravilhosos expoentes da obra missionária de Portugal. Ao ceder à vocação para a conquista das almas de alheias gentes obedeceu, em grande parte, ao pendor das tradições da Pátria; encontrou em marcha a execução de planos e de experiências acumuladas de gerações que o precederam. A *Ordem de Cristo*, sob o glorioso mestrado do infante D. Henrique, já tinha feito as suas provas; e, não obstante esta como outras instituições análogas, o Estado, a partir de D. João III, acolheu a cooperação da Companhia de Jesus para a colonização prática dos novos territórios sob a sua soberania.

Quando S. João de Brito aportava à Índia, já S. Francisco Xavier, ao serviço de Portugal, tinha espargido abundantemente a luz do Evangelho por quase toda a Ásia, tal qual como S. Paulo nos primeiros tempos da Igreja

pelas partes do ocidente. E, por que seguiu admiravelmente na mesma esteira, denominaram-no justamente «o segundo S. Francisco de Xavier».

Quando a notícia da sua morte pelo martírio em Maduré chegou à Corte, a mãe era ali recebida de gala, dando-se-lhe parabéns pela glória do filho!

A acção missionária de S. João de Brito, faz, manifestamente, parte da grande obra missionária que encheu toda a existência da Pátria.

A Embaixada de Portugal às festas da canonização de S. João de Brito em Roma, sob a presi-

dência de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, é um acontecimento sem precedentes na história da colonização. Lembra um pouco a Embaixada de D. Manuel I à Santa Sé, no século XVI, sob a direcção de Tristão da Cunha. Há, porém, uma diferença. A primeira das Embaixadas apresentava as primícias das imensas riquezas que se esperavam das novas terras acabadas de descobrir; a segunda apresenta o quadro vivo de grupos das várias raças que nessas terras se vem levantando, dentro dos mais fundamentais direitos humanos, para o culto convívio dos outros povos.

E este movimento da parte de Portugal ainda não foi excedido nem sequer igualado em colónias de outras nações.

Poderão estas ter af feito mais pontes e estradas, mais minas e docas; mas fundir as almas, aproximá-las, trabalhá-las para a felicidade comum, — nenhuma coisa Portugal! A. LINO NETTO

CRÓNICA
FINANCEIRA

«Não pagar o jornal a quem trabalha» é um dos pecados que «bradam ao Céu» e parece ser este o pecado social mais em voga hoje em dia. Não porque sejam muitos os patrões que não pagam aos seus criados, operários ou jornaleiros o salário combinado, o salário legalmente devido. Contra este abuso estão os trabalhadores bem defendidos pelos costumes e pelas leis. Não é nisto que a sociedade de hoje peca de modo especial, mas em não dar ao trabalhador o que lhe é devido, não segundo a lei e os costumes, mas segundo a verdadeira justiça. E não é só o trabalhador manual que tem razão de queixa; também o trabalhador intelectual e até grande número de patrões são vítimas do mesmo pecado, da mesma falta de justiça.

E note-se que este pecado não é só desta ou daquela nação para com parte dos seus cidadãos; é até de umas nações para com as outras. É este o grande pecado do nosso tempo, pela sua extensão e profundidade.

E que pecado é este? É um pecado contra a justiça distributiva e consiste na desumana repartição dos produtos do trabalho, não só entre as nações, mas entre os cidadãos de cada nacionalidade.

Desde que se iniciou no mundo a era do maquinismo, as riquezas produzidas não mais se repartiram equitativamente por todos quantos tomavam parte na sua economia, quer como produtores, quer como consumidores. Abusando da sua situação privilegiada, as nações possuidoras de ferro e de carvão, únicas que com vantagem se podiam industrializar, passaram a vender o mais caro que podiam, os seus produtos às outras nações, donde resultou o excessivo enriquecimento das primeiras à vista das segundas. E

não só lhes vendiam os seus produtos caros, como lhes compravam baratos os delas, o que no fundo vinha a ser a mesma coisa. E assim, as nações industriais não pagavam às nações agrícolas o salário que lhes era devido...

Daqui resultou uma consequência grave que foi as nações agrícolas, apesar de não estarem em condições de o fazer com vantagem, começarem também a criar indústrias, mesmo à sobre-posse, para se defenderem da exploração de que estavam sendo vítimas. E desta reacção natural resultaram consequências que levaram directamente às duas guerras mundiais que foram o horror do nosso tempo. E estas duas tremendas calamidades foram o justo castigo daquele pecado social que há muitas décadas estava bradando ao Céu.

Mas o que se estava dando entre as nações, repetia-se dentro de cada uma delas entre as indústrias mecanizadas e a lavoura. Tanto nos povos industriais como nos agrícolas, a lavoura foi vítima do progresso e logo se tornou a arte de empobrecer, nem sempre alegremente, apesar do célebre dito de Mariano de Carvalho (salvo erro). Significava isto que a lavoura pagava (e paga) caro o que compra, e não recebe o devido pelo que vende. A lavoura não se pagava nem paga, o devido salário. E como os lavradores não recebiam, nem recebem, o que lhes é devido, não podem pagar aos seus jornaleiros o justo salário. Ninguém pode dar aquilo que não tem...

Por outro lado, assim como no mundo, só as nações industriais enriquecem, assim dentro de cada nação, só as indústrias cobram lucros, no geral, e por vezes grandes lucros. Desses lucros se queixam os operários dizendo que são

MEDITAÇÃO
sobre as palavras de S. Paulo...

pelo Rev. Doutor Cruz

Com receio de havendo pregado aos outros, vir eu próprio a condenar-me (Epístola da missa da Septuagésima). Um autor inglês escreveu um livro com este título: — A Divindade do Cristianismo provada só pela conversão de S. Paulo. Um homem tão extraordinário na sua conversão depois de convertido dizia: «Eu vivo, não sou eu porém que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim. Para mim a vida é Cristo. Nada me pode separar do Amor de Nosso Senhor Jesus Cristo». Recebeu tantas graças extraordinárias, trabalhou e sofreu tanto por Amor de Nosso Senhor e Salvação das Almas, como ele mesmo narra para edificação da Igreja nascente, e que vem na Epístola da Septuagésima e todavia tinha medo de ser condenado ao inferno.

Eis um grande exemplo, para todos termos o máximo cuidado no grande negócio da Salvação. Quando uma pessoa tem uma demanda importante, principalmente se dela depende a riqueza ou a miséria, quando acorda pensa logo na demanda, passa o dia a pensar nela, recorre a todos os auxiliares, emprega todos os meios para ganhar a demanda e sempre com medo de a perder. Nós todos temos a demanda do Céu. Se a ganharmos teremos uma felicidade eterna no Céu, primeiro a alma e depois o corpo também quando ressuscitar glorioso. Se a perdermos, seremos eternamente desgraçados no inferno. A Nossa Mãe Santíssima na Fátima, recomendou aos inocentes pastorinhos que em cada mistério do Terço dissessemos: — «Meu bom Jesus perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno...», que o ímpio pode negar mas não destruir, e se na hora da morte também o negar, com certeza nele cairá, porque não acredita em Nosso Senhor Jesus Cristo que por várias vezes tão claramente ensinou a existência do inferno; e quem não acredita em Nosso Senhor Jesus Cristo será condenado.

«Um homem mundano foi por curiosidade visitar um convento de religiosos a quem disse: — «Vós ficais muito descoroados se no fim de tantas rezas e penitências, não há Céu para prêmio delas». E um bom religioso respondeu: — «Ainda os homens mundanos que só pensam em honras, riquezas e prazeres, ficarão mais descoroados se vão parar no inferno; ao menos, nós arriscamos o tempo e vós uma eternidade». Quem tem a desgraça de não ter fé, pelo menos devia duvidar e dizer consigo: Tantos milhões de pessoas em todos os tempos têm feito os maiores sacrifícios, até da própria vida, no meio dos mais cruéis tormentos, com a esperança da felicidade no Céu, e para escaparem aos sofrimentos eternos do inferno, haverá realmente esse céu e inferno em que firmemente acreditam? E se há, serei eu um desgraçado por toda a eternidade no inferno? Nesta dúvida, deverei seguir o partido mais seguro, crer e viver segundo a fé. Mas não pode haver dúvida, nem perante a razão nem perante a fé. Nós, Senhor Jesus Cristo depois de apresentar a Oitava Bem-aventurança

fruto do seu suor, o que não é bem verdade, porque saem do bolso de todos nós. Não obstante, a falta de justiça distributiva, o não pagamento do justo salário é inegável. A confirmar esta verdade, lá está o testemunho dos grandes pontífices Leão XIII e Pio XI. E desta injustiça derivou o terrível conflito entre operários e patrões, que foi que abriu a porta ao Comunismo. A par das duas guerras mundiais, o Comunismo surge como castigo deste grande pecado social.

E que as sociedades não tem alma imortal e por isso têm de pagar neste mundo os seus pecados. E estão-nos pagando bem caros.

PACHECO DE AMORIM

disse que somos felizes quando fomos perseguidos e caluniados por Seu nome, e que nos devemos alegrar porque é grande a recompensa no Céu. Eis o que explica o que vemos neste mundo de opressão dos justos e triunfo e glória dos maus, e perante a razão cremos que há no Céu para prêmio dos bons e o inferno para castigo dos maus. Tendo bem firme esta crença logo ao acordar em cada dia devemos dizer: — «Graças a Deus, tudo por Vós Coração Santíssimo de Jesus, mais um dia para vos servir e amar, que pode ser o último da minha vida, e por isso Meu bom Jesus, só quero o que vos agrada e me leve ao Céu, quero ser Vosso Amigo, não vos ofendendo e amigo de mim mesmo procurando a minha eterna felicidade».

O Apóstolo S. Paulo recomenda que trabalhem na nossa salvação com temor e tremor (Ad Filipenses, II, 12), e por isso devemos recorrer a todos os auxiliares, que nos ajudem à nossa salvação. Inscrever-nos e trabalhar nas fileiras da Acção Católica. — «Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, Apostolado da Oração, rezarmos todos os dias o Terço a Nossa Senhora, termos o bendito escapulário de Nossa Senhora do Carmo, que prometeu livrar-nos das penas do inferno e libertar-nos do Purgatório no primeiro sábado depois da nossa morte, muita devoção a S. José, fazermos todos os anos a novena da graça a S. Francisco Xavier, de 4 a 12 de Março. Diz Santa Teresinha do Menino Jesus, que por meio desta novena obtém-se tudo o que se deseja».

A oração própria desta novena é: — Oh Glorioso e Amantíssimo S. Francisco Xavier Convoico humildemente adoro a Divina Majestade e lhe dou infinitos louvores, pelos singulares dons de graça que vos concede: durante a vida e de glória depois da morte, e com todo o coração vos peço me alcanceis a preciosíssima graça de viver e morrer santamente, me salvar e ajudar a salvar muitas almas (pode-se também pedir qualquer outra graça que se deseje). P. N. A. M. G. P. — S. Francisco Xavier rogai por nós. — Não tendo oração pode-se rezar 5 P. N., 5 A. M. e 5 G. P. — Tem indulgência plenária e pode-se fazer duas vezes no ano.

Além de todos estes meios, devemos estimar muito os Santos Sacramentos da Confissão e Comunhão. É o bom hábito de nos confessarmos ao menos uma vez cada mês. Quem nunca fez, faça uma confissão geral de toda a sua vida, e comungue todas as vezes que puder, nunca deixando a comunhão das primeiras sextas-feiras e dos primeiros sábados. Devemos também fazer a promessa redigida pelo Senhor Cardeal Patriarca D. António — Com auxílio da Graça Divina prometo quando estiver doente, não se fazer a terceira visita do médico sem diligenciar receber os Santos Sacramentos e cumprir esta promessa quando estiver doente.

SANTO ANJO DE PORTUGAL

Pelo facto de alguns fiéis menos conservadores, nos últimos meses, terem arrancado, até com o uso de martelos, pedras do local das Aparições do Santo Anjo de Portugal, pede-nos o Santuário de Fátima que tornemos público, que tal se não deve tornar a verificar, não só por esse local, com o seu primitivo aspecto, ser uma reliquia religiosa do País de inestimável valor, mas também porque se estuda a forma de o engrandecer e impor à veneração dos portugueses, pela forma mais condigna que lhe for possível. Rogase a todos os fiéis que zelem por ele, sempre que para isso tenham o ensejo.